

Minhas regras práticas de trabalho*

N. Gregory Mankiw[†]

Minha tarefa é descrever como eu trabalho. Eu aceito essa tarefa com sentimentos confusos. A introspecção em público pode facilmente tornar uma pessoa vaidosa e a vaidade fica melhor como um traço particular. Não está inteiramente claro para mim por que alguém poderia preocupar-se com minhas idiossincrasias — exceto, talvez, meus colegas, alunos e familiares, que não têm escolha, senão conviver com elas.

Ainda assim, quando outros economistas escrevem ensaios deste tipo, eu aprecio lê-los. Gosto de pensar que esses ensaios me edificam de alguma maneira mas, no mínimo, eles apelam para o *voyeur* que existe em mim. Assim, imaginei que outros pudessem aprender com um breve ensaio sobre o modo como eu trabalho. Ou, pelo menos, podem encantar-se com ele.

Eu organizei este ensaio em torno de seis regras práticas que sigo quando me proponho a trabalhar. Escolhi essas regras principalmente pelos seus valores positivos — elas descrevem meu comportamento. Eu não pretendo fazer com que o meu estilo prático de trabalhar contenha necessariamente qualquer valor prescritivo para mais alguém. Embora isso possa ocorrer. Se o meu estilo soa como verdadeiro para outros, ajudando-os a organizar suas vidas, tanto melhor.

Regra n.º 1: aprender com tutores corretos

Eu aprendi como realizar meu trabalho com quatro economistas distintos. Talvez a razão fosse o planejamento de uma boa carreira de minha parte. Mais provavelmente, tenha sido pura sorte.

* Este artigo está sendo publicado com a autorização do próprio autor e da revista *The American Economist*. Originalmente, este texto, *My Rules of Thumb*, foi publicado em Michael Szemberg ed., *Passion and Craft, Economists at Work* (Ann Arbor: Michigan University Press, 1997).

Tradução do Inglês: Sylvia M. S. Cristóvão dos Santos.

[†] Harvard University.

Na primavera de 1977, no meu primeiro ano como estudante em Princeton, cursei Princípios de Microeconomia com Harvey Rosen. Harvey era um excelente professor. Eu me lembro de achar fácil o material do curso e, ao mesmo tempo, de sentir que estava aprendendo bastante. Cada aula era preenchida com *insights* novos, profundos e tão maravilhosamente óbvios que parecia que eu sempre os conhecera em toda a minha vida. Mas, naturalmente, não. Princípios de Microeconomia foi o curso mais esclarecedor que eu já havia feito. Todos os cursos subsequentes em Economia mostraram ter *feedbacks* decrescentes.

Por razões que são um mistério para mim agora, Harvey contratou-me como assistente de pesquisa para o verão, depois de meu primeiro ano como estudante. Eu sabia muito pouco de Economia, porque eu havia cursado apenas duas disciplinas introdutórias. Eu sabia alguma coisa sobre programa de computador (um fato que surpreende meu próprio assistente de pesquisa, porque mudanças na tecnologia fizeram esse capital humano há muito obsoleto). Seja qual for a razão, Harvey convidou-me e a experiência revelou-se inestimável. Eu sabia tão pouco que Harvey teve que me ensinar tudo o que para ele era necessário que eu soubesse. Passar um verão sendo tutorado por um professor e erudito de ponta é a melhor experiência de aprendizado que eu posso imaginar. Eu nunca aprendi tanto em tão curto período de tempo.

Eventualmente, meus interesses foram levados para Macroeconomia. Como um estudante *senior* em Princeton, eu tive aulas de Macroeconomia com Alan Blinder, outro excelente professor. Ao mesmo tempo, escrevi minha tese sob sua orientação. Na tese, tentei dar sentido ao comportamento cíclico do salário real, assunto que tem confundido macroeconomistas pelo menos desde a publicação da *General Theory* de Keynes. Parte da minha tese de *senior* tornou-se um artigo em co-autoria com Alan, que publicamos, mais tarde, no *Journal of Monetary Economics*. O mais importante é que, quando eu trabalhei na tese, convenci-me de que imperfeições nos mercados de bens eram, no mínimo, tão importantes quanto imperfeições nos mercados de trabalho para se entender o ciclo. Essa convicção levou-me, eventualmente, ao envolvimento em uma linha de pesquisa agora chamada Economia Neo-Keynesiana.

Quando entrei no programa de pós-graduação no MIT, no verão de 1980, Larry Summers era um jovem professor assistente. O entusiasmo de Larry, sua amplitude de conhecimento e seu raciocínio rápido atraíram-me e nós trocamos idéias durante o ano no MIT e, durante o verão seguinte, no NBER. Quando Martin Feldstein trouxe Larry para trabalhar no Council of Economic Advisers, em setembro de 1982, Larry levou-me junto com ele. Eu tinha sorte de poder trabalhar junto de Larry durante o breve período em que ele já era um grande economista, mas não ainda famoso.

Quando eu retornei ao MIT, Stanley Fisher atuou como meu orientador, o que ele fez com um número considerável de estudantes da minha classe. Stan era um modelo de equilíbrio professoral. Como professor, suas apresentações eram claras e balanceadas em uma área que pode confundir e provocar discordância. Como orientador, ele encorajava os estudantes a perseguir seus interesses com o mais alto padrão de rigor sem impor sua própria agenda intelectual sobre eles. Minha dissertação, como muitas nesses últimos anos, era uma coleção de

ensaios frouxamente relacionados, encadernados, com o único objetivo de obter um título. Continha o nome letárgico de *Essays on Consumption*.

Quando eu recorro a esses quatro tutores — Rosen, Blinder, Summers e Fischer —, eu vejo neles várias características que desenvolvi ao longo do tempo. Eles são escritores prolíficos. Suas pesquisas tendem a ser empíricas e direcionadas para políticas econômicas. Eles levam o ensino a sério.

Todos os meus tutores mostraram interesse em atingir uma audiência mais ampla do que aquela que pode ser encontrada simplesmente escrevendo em periódicos acadêmicos. Todos eles tiveram algum tempo fora da academia, trabalhando no setor público em Washington. Três deles escreveram livros-textos e dois deles escreveram mais de um livro-texto.

É fácil observar a importância dos tutores. Eles determinam seu perfil profissional, da mesma maneira que os pais determinam seu perfil pessoal. Os tutores, como os pais, dão a você seus valores. Eles ensinam-lhe que tipo de comportamento respeitar e que tipo evitar. E eles ensinam essas lições indiretamente, mais frequentemente por meio de suas ações que de suas palavras.

A maior diferença é que seus pais são predeterminados. Seus tutores, você pode escolher.

Regra nº 2: trabalhar com bons co-autores

Felizmente, eu tenho sorte de poder trabalhar com co-autores muito talentosos.

Uma ordem aproximada de apresentação inclui Alan Blinder, Bryan Boulier, Larry Summers, Julio Rotemberg, Matthew Shapiro, David Runkle, Avery Katz, Bob Barsky, Steve Zeldes, Jeff Miron, Mike Whinston, John Campbell, Andy Abel, Richard Zeckhauser, David Romer, Larry Ball, Miles Kimball, David Weil, Olivier Blanchard, Susanto Basu, Robert Barro, Xavier Sala-i-Martin, Bob Hall, Niko Canner e Doug Elmendorf. Alguns desses co-autores foram meus tutores, outros foram meus contemporâneos (muitas vezes, colegas de MIT) e, ainda, outros foram meus alunos em Harvard. Nos últimos anos, eu fiz muitas de minhas pesquisas com estes co-autores.

Por que os co-autores são tão importantes para a minha maneira de trabalhar? Uma razão é encontrada na famosa história da fábrica de alfinetes de Adam Smith. Smith observou que a fábrica de alfinetes era tão produtiva porque permitia que os trabalhadores se especializassem. Pesquisa não é diferente — é somente outra forma de produção. Fazer pesquisa requer várias habilidades: identificar questões, desenvolver modelos, provar teoremas, encontrar dados, analisar dados, expor resultados. Porque poucos economistas sobressaem-se em todas essas tarefas, a colaboração de outros autores pode produzir o que cada autor sozinho não produziria tão facilmente. Na produção de conhecimento, como na produção de alfinetes, a especialização aumenta a produtividade. (O enigma é por que Adam Smith preferiu ignorar sua própria análise e escrever *The Wealth of Nations* sem o benefício de um co-autor.)

A segunda razão para eu trabalhar com co-autores é que torna meu trabalho menos solitário. Pesquisar e escrever pode ser uma atividade solitária. É comum gastar horas a fio com papel e lápis ou em frente a um computador sem contato humano. Algumas pessoas podem gostar deste tipo de trabalho, mas eu não. Argumentar com meus co-autores torna meu dia mais alegre.

A terceira razão é a mais importante: um bom co-autor aperfeiçoa você para sempre. Nas colaborações mais bem sucedidas, ambos os co-autores aprendem da experiência. Um co-autor pode ajudá-lo a expandir seus conhecimentos, aperfeiçoar suas habilidades e expor seus vieses. Mesmo quando a colaboração termina, você carrega esses benefícios para futuros projetos. Em grande medida, com o passar do tempo, meus co-autores tornaram-se meus tutores.

Regra nº 3: ter interesses amplos

Durante toda a minha vida, fui abençoado por ter amplos interesses (Ou, talvez, fui amaldiçoado com pouco tempo para fixar meus interesses em alguma coisa).

Quando criança, tive numerosos *hobbies*. Colecionei moedas, selos, conchas, rochas, bolas de gude, figurinhas de *baseball* e botões de campanha. Tive tartarugas, cobras, rato, peixe, salamandras, camaleões, patos e, finalmente, um *cocker spainel*. No segundo grau, gastei meu tempo jogando xadrez, esgrima e velejando. Há muito tempo que renunciei a todas essas atividades (embora ainda tenha um *fox terrier* chamado Keynes).

Como aluno de graduação, comprometi-me com uma nova área várias vezes em cada semestre, alternando quase sempre entre Física, Filosofia, Estatística, Matemática e Economia. Depois da graduação, minha trajetória foi ambígua e, em larga medida, sem planejamento. Em ordem cronológica, passei um verão trabalhando no Congressional Budget Office, um ano estudando no departamento de Economia do MIT, um ano estudando na Harvard Law School, um verão trabalhando em uma firma de advocacia, um ano trabalhando no Council of Economic Advisers, um segundo ano no MIT concluindo meu PhD, outro semestre estudando na Harvard Law School e, então, outro semestre no MIT, dessa vez como instrutor de Estatística e Microeconomia. Em 1985, renunciei a meus estudos em Direito e tornei-me professor assistente no departamento de Economia em Harvard, onde, em meu primeiro ano, ensinei Princípios de Economia e Macroeconomia na pós-graduação.

Notavelmente, já há cerca de uma década estou em Harvard. Harvard é um lugar maravilhoso para trabalhar. No entanto, muitas vezes anseio muito por sair daqui, só para fazer alguma coisa diferente. O que me prende em Harvard é a proximidade do National Bureau of Economic Research. Todo ano, o NBER promove dúzias de conferências sobre vários tópicos, com economistas notáveis de todo o mundo. Ter um escritório no NBER é quase como mover-se de tempos em tempos para uma nova universidade.

Meus amplos interesses (pouco tempo para fixar meus interesses em alguma coisa) ajudam a explicar meu campo diverso (incoerente) de trabalho. Minha pesquisa atravessa várias áreas da economia. Eu publiquei artigos sobre ajustamento de preços, comportamento do consumidor, valorização de ativos, política fiscal, política monetária e crescimento econômico. Eu me aventurei até mesmo fora da Macroeconomia e publiquei artigos sobre fertilidade com controle imperfeito de nascimento, a taxação dos benefícios que não afetam a taxa de salário básico, entrada em mercados imperfeitamente competitivos e determinantes demográficos da demanda por moradia. Nenhum deles é parte de um grande plano. A qualquer momento, eu posso trabalhar sobre qualquer coisa que mais me interesse.

Propor idéias é a parte mais difícil e menos controlável do processo de pesquisa. É um pouco mais fácil se você tem interesses amplos. De forma mais óbvia, interesses amplos dão-lhe mais oportunidades para o sucesso. É mais provável que um garimpeiro encontre ouro se ele procura em uma grande área do que, sistematicamente, em uma mesma área pequena. Mais importante, pensar sobre um tópico pode gerar idéias sobre outros tópicos. Por exemplo, eu comecei a pensar em custos de menu e ajustamento macroeconômico de preço quando assisti a um seminário na Faculdade de Direito no qual discutia-se a fixação de preço em condições de monopólio e política antitruste. Idéias para pesquisa vêm à tona em lugares inesperados.

É claro, amplitude tem seu custo. Um deles é que fica mais difícil escrever grandes propostas. Eu estou sempre sendo atraído a escrever, "*eu quero gastar os próximos anos fazendo o que eu estiver com vontade de fazer. Por favor, envie-me dinheiro para que eu possa assim proceder*". No entanto, em muitos casos, aqueles que subsidiam esses estudos querem pelo menos a pretensão de um plano de pesquisa de longo prazo.

O maior custo da amplitude, entretanto, é a falta de profundidade. Algumas vezes eu receio que, como eu trabalho em tantas áreas diferentes, cada linha de trabalho seja mais superficial do que poderia ser. A escolha cuidadosa de co-autores pode resolver parcialmente esse problema, mas não completamente. Eu estou sempre certo de que qualquer que seja o tópico sobre o qual eu estou trabalhando naquele momento, alguém gastou muito mais horas pensando sobre ele do que eu. Há sempre alguma coisa a ser dita em favor de uma vida dedicada a um único assunto.

Mas, não será a minha vida. Eu não tenho temperamento para isso.

Regra nº 4: alocar o tempo com cuidado

Esta é uma regra prática que eu venho aprendendo lentamente. Eu costumava ir a toda escola que me convidava para dar um seminário, comentar sobre cada artigo que um organizador de conferência pedisse-me para discutir, dar parecer sobre todo artigo que um editor de periódico me enviava, escrever toda carta de recomendação que um chefe de departamento requeria e era membro de toda banca que um reitor me pedisse para participar.

Mas, nunca mais. Com o passar do tempo, o número dessas solicitações cresceu exponencialmente. Em poucos anos, dentro da folha de pagamento de Harvard, o custo de dizer sim tornou-se intolerável. Eu vim a compreender que tanta responsabilidade profissional pode ser irresponsável, porque toma completamente o tempo das tarefas mais importantes — ensinar e pesquisar. Eu agora rejeito a maioria esmagadora da oferta dos organizadores de seminários, organizadores de conferências, editores de periódico, chefes de departamento e reitores.

O problema mais difícil para alocar o meu tempo é decidir com que projetos de pesquisa me ocupar. Acho quase impossível predizer como ficará um projeto antes de concluí-lo. E, mesmo quando eu termino um dos meus artigos, não posso predizer com muita precisão como outras pessoas (tais como editores e organizadores) reagirão a ele. Minha estratégia, portanto, é escolher tópicos de pesquisa com base no que mais me interessa parcialmente ou, em boa medida, um para o qual eu tenha um bom co-autor que compartilha meu entusiasmo. Algumas vezes trabalho sobre um tópico por um tempo e decido que nada tenho de novo para dizer. Então, eu me obrigo a lembrar a irrelevância dos custos fixos e direciono-me para outro tópico.

Uma maneira de gastar muito tempo é escrevendo livros-textos. Eu escrevi um livro texto, de nível intermediário, sobre Macroeconomia que está agora na sua segunda edição e estou escrevendo outro sobre os princípios da Economia. Escrever um livro-texto envolve muito trabalho e, algumas vezes, pergunto-me por que escolhi gastar meu tempo dessa maneira. Assim, deixe-me explicar.

Escrever livro-texto é uma forma de ensinar. Como tal, tem todos as *vantagens* e *desvantagens* de ensinar. A maior *desvantagem* é que toma tempo. E tempo é um recurso acadêmico muito valioso.

A despeito do custo, vejo escrever livro-texto assim como ensinar em uma sala de aula, como um bom uso do meu tempo. Um benefício é o monetário. Poucas pessoas no mundo ganham a vida só criando conhecimento. Muitos acadêmicos gastam parte de seu tempo também transmitindo conhecimento. Dar aulas é uma maneira de transmitir conhecimento; escrever livros-textos é outra. Até agora, fui capaz de ganhar bastante dinheiro transmitindo conhecimento aos estudantes e não precisei gastar tempo em outras atividades, tais como pagar consultas, colocar alimento na mesa.

Naturalmente, o benefício mais imediato de ensinar e escrever livro-texto é que eles permitem a você moldar as mentes dos estudantes. Economia não é uma disciplina exata como a Mecânica Newtoniana ou a Geometria Euclideana. Sempre que se ensina Economia, tem-se uma latitude extensa para escolher que material incluir e como apresentá-lo. Fazendo essas escolhas, você dá seu próprio *spin* para o assunto e ajuda a direcionar as visões de seus alunos. Embora os professores e os autores de livro-texto compartilhem essa responsabilidade, os autores atingem uma audiência maior. Para aqueles que querem legar sua visão de Economia para a próxima geração, livros-textos são o meio mais eficiente. Na verdade, porque os livros-textos são tão importantes para influenciar uma área de interesse, muitos dos mais produtivos escritores em

periódicos acadêmicos são também autores de livro-texto: Samuelson, Baumol, Blinder, Stiglitz, Barro, Dornbusch, Fischer e assim por diante.

O benefício menos óbvio de ensinar e escrever livro-texto é que eles estimulam idéias para pesquisa. Sempre que se tem que explicar alguma coisa a alguém, seja pessoalmente ou por meio de uma página impressa, é preciso pensá-la do começo ao fim, mais minuciosamente do que você faria se não fosse este o caso. Preparar uma aula ou rascunhar um capítulo de um livro-texto revela furos em seu entendimento. E, algumas vezes, como você tenta preencher esses furos, você consegue idéias para pesquisa. Simplesmente, transmitir e criar conhecimento são atividades complementares. Por isso, essas duas formas de produção ocorrem nas mesmas firmas, as chamadas universidades.

O benefício final em se gastar tempo escrevendo livros-textos é que faz de você um melhor escritor. Mas, isso leva-me para meu próximo tópico.

Regra nº 5: escrever bem

Eu me vejo como um escritor medíocre. E essa mediocridade vem, naturalmente, como consequência de um trabalho difícil e determinado. Isso pode parecer um pequeno talento, mas eu me tranquilizo com o fato de que muitos economistas não vivem de acordo com esse padrão.

Os economistas tendem a subestimar o valor de uma boa escrita. A razão, eu acredito, é que nós gostamos de nos ver como cientistas. Verdades científicas são tão válidas em sentenças contínuas como em prosas bem escritas, assim, por que se incomodar em tentar escrever bem? É claro, ninguém pode realmente endossar uma má escrita, mas essa atitude subconsciente permeia a profissão e explica por que Economia é uma ciência mais sombria do que deveria ser.

A despeito da má atitude de nossa profissão com relação à escrita, um bom texto é um fato extraordinariamente útil para alcançar sucesso. Todo mundo sabe que Robert Solow e Robert Lucas são economistas importantes. Mas, eles são também escritores soberbos e esse fato ajuda a explicar suas proeminências.

Sempre que uma pessoa põe-se a escrever alguma coisa sobre Economia, está engajada em uma forma de produção conjunta. Cada artigo tem dois atributos chaves: estilo e substância. Para produtores de artigos, estilo e substância são equivalentes. Quanto mais tempo é gasto evitando a voz passiva e substituindo um "o qual" por "que" menos tempo sobra para refletir sobre a Economia. Mas, se você quer ter êxito como produtor, você tem que pensar em seus consumidores. Para consumidores de artigos, estilo e substância são complementares. Quando vejo um artigo escrito por Solow ou Lucas, quero lê-lo, não só porque aprenderei alguma coisa sobre Economia, mas, também, porque terei satisfação em fazê-lo. Um artigo que oferece estilo e substância é muito mais atraente do que um artigo que oferece um sem o outro. Assim, se você

quer vender sua substância, você deve se preocupar com seu estilo. Em outras palavras, se você quer ser amplamente lido, você deve escrever bem.

Escrever é uma arte, como a carpintaria. Algumas pessoas são naturalmente melhores do que outras. Mas, qualquer um pode melhorar dedicando tempo e esforço suficientes.

O primeiro passo para escrever melhor é decidir escrever melhor. Depois disso, é como adquirir qualquer habilidade. Assim como se pode aprender a fazer regressões lendo um manual do RATS, pode-se aprender a escrever melhor lendo livros sobre estilo. Eu freqüentemente recomendo para meus alunos o livro *The Elements of Style*, de Strunk e White e fico surpreso com tantos que nunca ouviram falar desse livro. (É o livro perfeito para deixar no banheiro. Sempre que você tem um minuto extra, abra-o casualmente em uma página e fique lendo.) Eu também recomendo que os estudantes leiam *On Writing Well*, de William Zinsser, para aprender como escrever e *The Rhetoric of Economics*, de Donald McCloskey, para aprender como persuadir.

Tornar-se um bom escritor também envolve prática. Ler o manual do RATS dirá a você como fazer uma regressão, mas não é que você possa fazê-la facilmente assim que ler sobre ela. Você precisa ligar o computador e tentar várias vezes. Você vê os erros que comete, as falhas que surgem inesperadamente, as coisas que o manual esqueceu de informar. O mesmo é verdade com a escrita. Quanto mais você escreve, melhor você se torna. Quando me recordo de minha própria educação, o que se destaca é a freqüência com que eu tinha que escrever na escola (privada) de segundo grau que eu freqüentava. Havia sempre alguma tarefa de escrita pairando sobre minha cabeça. Naquele tempo, a política da escola parecia opressiva, mas, agora, agradeço por essa opressão. Preparou-me perfeitamente para meu trabalho atual.

Escrever bem é uma tarefa difícil. Requer que você revise, revise e revise. Então, quando você pensa que terminou, deve revisar outra vez. É prazeroso ler um bom texto, mas, muitas vezes, não é prazeroso fazê-lo. (Uma vez perguntei a John Kenneth Galbraith o segredo de seu sucesso como escritor popular. Ele disse que revisa tudo muitas vezes. Em torno do quinto rascunho, ele consegue atingir aquele toque de espontaneidade de que todos gostam).

Por sorte, com a tecnologia moderna ficou muito mais fácil escrever. Eu escrevo diretamente no Wordperfect. Lápis, papel e secretária não são necessários, o que certamente me faz mais produtivo. Mas, a tecnologia moderna facilitou também a produção de textos de baixa qualidade. A oferta de bons e maus textos tem crescido com o passar do tempo. A demanda por maus textos permanece baixa de modo que assim, em equilíbrio, produzi-los oferece pouco retorno.

Em contraste, escrever bem tem retornos substanciais: atrai leitores e dá a suas idéias uma melhor chance de serem ouvidas. Mas, há também outro resultado: escrever bem traz satisfação pessoal. Um autor pode satisfazer-se, olhando para trás e verificando que apresentou bem suas idéias. Eu não gosto de escrever, mas gosto de ter escrito.

Regra nº 6: divirta-se

Tempos atrás li um livro que me revelou o segredo para uma vida feliz: descobrir o que você gosta de fazer e, então, encontrar alguém que lhe pague para fazê-lo.

Aprendi esse segredo quando era adolescente. Naquele tempo, eu gostava de velejar pequenos barcos a vela. Assim, quando procurei meu primeiro emprego de verão, encontrei alguém dando aulas de navegação. (Meu empregador cobrava U\$15 por uma hora de aula e pagava-me o salário mínimo de U\$2.25. Essa foi minha primeira lição de Economia em competição monopolística.) Ainda assim, eu sabia que não seria fácil seguir esse conselho. Eu não tinha idéia de como encontrar alguém que me pagasse para dirigir barcos a vela pelo resto da minha vida, e essa foi uma das minhas aflições de adolescente. Felizmente, minhas preferências mudaram quando cresci.

Agora, mantenho sempre em mente o segredo para uma vida feliz quando seleciono tópicos para pesquisa. Editores e organizadores de conferências muitas vezes me convidam para escrever artigos sobre tópicos específicos de sua escolha. Rejeito muitas dessas ofertas. (Este artigo é uma das poucas exceções.) Eu não apreciarei escrever um artigo e, mais provavelmente, não resultará em um bom trabalho a menos que eu já tenha algum interesse sobre o tópico proposto. Minha abordagem para pesquisa é primeiro decidir sobre o que eu quero pensar. Então, vejo se posso conseguir alguém para publicar o resultado. Se meus interesses atuais coincidem com uma conferência que alguém está organizando, ótimo, porque a conferência é um canal de comunicação conveniente. E um convite para uma conferência pode ajudar-me a escolher entre vários projetos que tenho em mente. Mas, para mim, a questão mais importante quando inicio qualquer projeto é se o tópico me estimula.

Estudantes de graduação, trabalhando em suas dissertações, muitas vezes solicitam-me conselhos estratégicos. Quais são as áreas quentes de pesquisa? Que tópicos proporcionarão trabalho nas universidades de ponta? É fácil entender por que os estudantes perguntam sobre essas questões, mas essas são as questões incorretas para alguém que deseja dedicar-se a uma carreira de pesquisador. Eu falo aos estudantes que eles devem se perguntar sobre questões mais pessoais. Sobre o que eles gostariam de aprender? O que eles observam no mundo e acham enigmático? Que tópicos os deixam estimulados?

Fazer pesquisa não é como cavar uma vala. Uma pessoa pode cavar uma vala perfeitamente satisfatória sem, por um minuto, apreciar seu trabalho. Ao contrário, a pesquisa requer uma certa paixão sobre o tópico que está sendo estudado. Paixão vem de mãos dadas com criatividade. Ninguém pode desenvolver essa paixão por razões estratégicas de progresso na carreira.

Muitas pessoas que se ocupam com uma carreira acadêmica fazem-no porque são fascinadas pelo seu assunto. É por essa razão que, entre os professores, encontram-se as mais altas taxas de satisfação com o trabalho de todas as profissões. Professores encontraram o que eles gostam de fazer e alguém para pagá-los pelo que fazem.